BREVE HISTÓRICO SOBRE A VIDA, AS PRINCIPAIS OBRAS E A GRANDE CONTRIBUIÇÃO DE KEYNES À TEORIA ECONÔMICA

Lauro Mattei[1]

A Teoria Geral de Keynes, denominada de Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda, originalmente publicada em 1936, se consagrou com uma das obras clássicas do século XX, além de continuar marcando gerações de economistas e demais pesquisadores desde então. No tempo em que se está celebrando 90 anos da primeira publicação da Teoria Geral, registra-se que seu conteúdo continua sendo um divisor de águas no ensino econômico dominado pelos pressupostos do mainstream.

Neste breve artigo apresentaremos a trajetória pessoal, profissional e acadêmica de Keynes, destacando-se também suas contribuições sociais, culturais e políticas, características essas que o colocam no patamar dos maiores pensadores do século XX, à luz de suas contribuições particulares no campo da Economia.

Para tanto, iremos sistematizar algumas informações pessoais para, posteriormente, resenhar sua formação acadêmica e destacar sua vasta obra literária que se encontra registrada nos famosos 30 volumes do "Collected Writings of John Maynard Keynes". Neste caso, destacaremos apenas os principais livros que marcaram os debates da época autor.

1. QUEM FOI KEYNES

John Maynard Keynes nasceu em Cambridge (Inglaterra) no dia 05 de junho de 1883 e morreu em 21 de abril de 1946 (Domingo de Páscoa) em Tilton, East Essex, Inglaterra. Fez parte de uma família intelectual aristocrata, cujo pai (John Neville Keynes) foi filósofo, economista e administrador acadêmico e sua mãe (Florence Ada) foi a primeira mulher da cidade a ser conselheira e posteriormente prefeita de Cambridge. Na universidade de Cambridge participou da sociedade secreta (seita universitária fundada ainda em 1820) que discutia "questões sérias" da época. É nesse período que personalidades eminentes fundaram o grupo de Bloomsbury, nome do bairro onde se reuniam na região central de Londres. Dele participavam personalidades eminentes e talentosas da vida intelectual e cultural de Cambridge, Oxford e Londres (Bertrand

[1] Professor Titular do Departamento de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Coordenador Geral do Núcleo de Estudos de Economia Catarinense (NECAT/UFSC).

Russell, T. S. Eliot, Darwin, Keynes, Leonard e Virginia Woolf, etc.) que discutiam os problemas da época e que influenciaram as artes e a ciência no século XX.

2. SOBRE FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE KEYNES:

Entre 1902-1906 Keynes estudou no King´s College (Universidade de Cambridge) onde se formou em matemática. Ainda nesse período teve contato com Alfred Marshall, que viria a ter grande influência em sua trajetória acadêmica posterior. Entre 1906-1908 atuou como funcionário público no escritório da Índia localizado em Londres. Ainda em 1908 apresentou uma dissertação sobre o Tratado de Probabilidade na Universidade de Cambridge, a qual inicialmente foi rejeitada, porém aceita no ano seguinte. Em 1909 retorna à universidade para ser professor com uma bolsa inicialmente paga por Marshall e posteriormente por Pigou (professor cujas teorias foram criticadas duramente por Keynes). Nesse período (1909-1915) seus cursos se concentravam nos temas do dinheiro, crédito e preços. Entre 1915-1919 atuou junto ao Governo Inglês tendo papel importante na formulação da economia de guerra, inclusive tendo sido o representante do governo Inglês na Conferência da Paz realizada na França. Neste caso, o registro mais eloquente é que Keynes não assinou o Tratado de Versalhes. Renunciou ao cargo por discordar das sanções que foram impostas à Alemanha porque, segundo ele, isso poderia ser o estopim de uma nova guerra. A partir de 1920 retorna à universidade de Cambridge e passa a atuar como professor no King's College. Na sequência é nomeado editor do The Economic Journal, cargo que exerceu até 1930. Além disso, foi gestor das finanças do próprio College.

Na década de 1930 (época da grande depressão) atingiu seu auge no debate acadêmico quando destinou um novo olhar ao ambiente intelectual ao seu redor que era dominado pela ideia da economia como uma ciência exata e sem destacar suas finalidades sociais.

Em 1944 liderou a delegação britânica durante as discussões dos acordos de Bretton Woods (EUA). Naquele momento debateu a criação do novo sistema financeiro do pós-guerra, contribuindo para fundar o FMI e o Banco Mundial, muito embora sua proposta foi derrotada pelas proposições norte-americanas. Originalmente Keynes propôs um sistema global para gerenciar o comércio mundial à luz do BANCOR (uma moeda supranacional de reserva para fazer as transações e evitar o domínio absoluto de uma

única moeda). Torna-se desnecessário mencionar que a proposta de Keynes não foi aceita, prevalecendo em seu lugar a adoção da moeda norte-americana como padrão global.

3. AS OBRAS MAIS RELEVANTES DE KEYNES

A produção acadêmica e literária de Keynes é bastante ampla e a maior parte dela está sintetizada nos 30 volumes do "Collected Writings of John Maynard Keynes" publicada pela Editora da Universidade de Cambridge em parceria com a Royal Economic Society. Registra-se que nesses volumes estão condensados todos os materiais produzidos por Keynes, especialmente cartas e textos que ele enviava aos debatedores de suas obras.

Neste sentido, destacamos na sequência os principais livros em ordem cronológica de suas publicações:

a) *Indian Currency and Finance*. Livro publicado em 1913.
b) *As Consequências Econômicas da Paz*. Livro publicado em novembro de 1919.
c) *Um tratado sobre Probabilidade* (1ª versão em 1921 e 2ª versão em 1922): livro a partir de sua dissertação de mestrado reprovada em 1908, mas aceita em 1909.
d) *A Revisão do Tratado: fazendo uma continuação das consequências econômicas da paz*. Livro escrito em 1922
e) *O Fim do Laissez-Faire*. Livro publicado em 1926.
f) *O Tratado da Moeda*. Livro publicado em dois volumes em 1930.
g) *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*. Livro publicado em 1936.
h) *Como Pagar a Guerra*. Livro publicado em fevereiro de 1940.

Nessa extensa produção teórica ainda deve ser citada mais uma produção que não foi divulgada em forma de livro, mas como artigo em revista acadêmica. Neste caso, destaca-se o ensaio "Autossuficiência Nacional" publicado na Revista The Yale Review, em 1933, obra em que Keynes defendeu as políticas de expansão dos gastos públicos para fazer frente ao processo depressivo que se instalara a partir de 1929. Para muitos intérpretes, esse artigo foi de grande relevância para o aprofundamento das ideias que constam na Teoria Geral, uma vez que Keynes deixou de ser um defensor do livre-comércio para argumentar em favor de políticas nacionais de controle de capitais.

4. BREVES NOTAS SOBRE O CONTEÚDO DA TEORIA GERAL

4.1 Aspectos Gerais

No prefácio da Teoria Geral Keynes já deixa uma mensagem bem contundente sobre o debate que ele iria enfrentar: "A elaboração deste livro foi para o autor uma longa luta de libertação, e sua leitura deve ser o mesmo para a maioria dos leitores se as investidas do autor sobre eles tiverem sucesso – uma luta de libertação de formas habituais de pensamento e de expressão. As ideias aqui expressas tão laboriosamente são extremamente simples e devem ser óbvias. A dificuldade não está nas novas ideias, mas em escapar das velhas que se ramificaram naqueles que foram criados como a maioria de nós foi, por todos os cantos de nossas mentes". J.M. Keynes, 13.12.1935.

Neste sentido, é importante recordar o contexto histórico e teórico da época da Teoria Geral. Do ponto de vista histórico, registra-se a passagem século XIX para XX foi marcada por uma forte expansão da indústria e do comércio, a qual ampliou as contradições entre capital e trabalho, ao mesmo tempo em que aumentaram as disputas políticas pelos territórios levando à conflitos e guerras. Além disso, a crise econômica global do final da década de 1920 colocou os meios de produção em desuso e expandiu as taxas de desemprego. Como consequências, ocorreu uma queda do nível de renda e expansão das desigualdades sociais.

Do ponto de vista teórico, o pensamento econômico Neoclássico havia se tornado hegemônico na passagem do Século XIX para Século XX, sendo que tal hegemonia se sustentava na Lei de Say e na Lei do Equilíbrio Geral Walrasiano. Para tanto, todo o debate sobre a Teoria do Valor-Trabalho do século anterior cedeu lugar ao debate sobre a Teoria do Valor-Utilidade dos bens. Neste cenário ganhou a ideia do livre mercado assentado no princípio do ajuste automático, destacando-se que a intervenção do estado era prejudicial ao funcionamento da economia.

São exatamente esses pontos centrais que Keynes irá atacar de forma a explicitar um rompimento teórico com a "tradição clássica". Dentre os questionamentos keynesianos destacam-se os seguintes: os mecanismos de ajuste automático de mercado não funcionavam; a rigidez de preços não era uma explicação aceitável para o desemprego; o nível de emprego não era definido pelos trabalhadores; o nível de atividade econômica não era comandado pela oferta, enquanto o nível de investimento não era

condicionado pelo volume prévio da poupança. Diferentemente da ideia de equilíbrio, Keynes afirmava que a economia era altamente instável e flutuava de forma cíclica. Tais flutuações eram impulsionadas pelas forças internas do próprio sistema econômico e não por choques exógenos. Neste cenário, a moeda não detinha uma função meramente passiva na economia como preconizava a teoria neoclássica.

Diante desse contexto, Keynes indicou quatro grupos de questões que precisavam ser melhor estudadas pela Teoria Econômica: 1) Como se determina o nível de investimentos na economia e quais são os impactos desses investimentos sobre as atividades produtivas?; 2) Quais são os principais fatores que afetam o comportamento do emprego e quais as causas que levam ao desemprego?; 3) Como são estabelecidas as relações entre as variáveis reais (Investimento e Consumo) e as variáveis monetárias (Moeda e Taxa de Juros)?; 4) Quais são os elementos que promovem alterações no funcionamento dos sistemas econômicos gerando ondas cíclicas?

Para tanto, elencou duas questões centrais que precisavam ser resolvidas pela sociedade capitalista: 1) Como gerar emprego continuamente visando combater o desemprego cuja existência não é responsabilidade dos trabalhadores?; 2) Como reduzir as desigualdades sociais por que elas eram uma ameaça ao modo de produção capitalista? Desde logo, Keynes adiantou que duas ações seriam cruciais: controlar a agiotagem e adotar políticas de distribuição de renda.

4.2 Pressupostos e Fundamentos do Novo Paradigma Teórico:

As explicações keynesianas que fundamentam o novo paradigma teórico podem ser condensadas nas seguintes afirmações:

a) São as variações na demanda que impactam diretamente o volume de produção, emprego e renda das sociedades;
b) Insuficiências de demanda provocam efeitos negativos sobre a taxa de investimentos, o que pode ser resolvido via política econômica que estimule a demanda agregada;
c) Também são decisivas as variações no nível de investimentos para se manter e ampliar a capacidade produtiva dos sistemas econômicos;
d) O desemprego decorre do funcionamento desse sistema e não será resolvido mediante reduções salariais;
e) O sistema monetário é relevante porque a moeda exerce um papel fundamental na

conexão entre o mundo monetário e o mundo real;

f) Como o futuro econômico é incerto, são as expectativas dos agentes econômicos que balizam o comportamento da produção, do emprego e da renda;

Em resumo, o tripé do sistema econômico keynesiano se assenta na instabilidade, incerteza e desequilíbrio, processo que gera ondas cíclicas as quais alternam fases de expansão e de retração das atividades econômicas.

4.3 Princípio da Demanda Efetiva (PDE) como ponto de partida

O PDE está associado à ideia de uma Economia Monetária da Produção (EMP), cujo comportamento agregado da economia decorre das decisões das empresas individuais visando maximizar suas taxas de lucro a partir de decisões de gastos com Consumo e Investimento.

As empresas decidem produzir um determinado volume de produção (gastam recursos com bens) porque existe a expectativa de aumento das vendas que poderia elevar suas rendas e, consequentemente, as taxas de lucros.

Para Keynes, são essas expectativas que condicionam o volume de produção, o nível de emprego e o nível de renda. Decorre daí que o futuro é condicionado pelas decisões no presente. Por isso, os resultados são incertos, ou seja, os agentes atuam desconhecendo o amanhã e concebem uma economia imaginária.

No diagrama da Teoria Neoclássica, quando as curvas de oferta e demanda se cruzam significa o pleno emprego. Já pelo PDE tal intersecção significa a maximização da taxa de lucro relacionada a um volume exato de emprego, uma vez que as empresas decidem o nível de produção à luz do salário nominal fixado *ex ante* (tanto pelas leis como pelo próprio mercado de trabalho). Em outras palavras, o princípio da demanda efetiva define uma quantidade exata de mão-de-obra que será contratada para colocar o processo de produção em movimento e potencializar a taxa de lucro do empresário. Portanto, o PDE não é uma relação porque ele indica uma quantidade precisa de mão de obra a ser alocada no processo de produção.

Por decorrência, Keynes afirma que qualquer mudança na produção e no nível de emprego sempre são comandadas pelo montante de gastos dos agentes econômicos. Portanto, apenas a ele compete definir o volume de emprego na sociedade.